

Dize-me com quem andas que
eu te direi com quem serás
preso

Renata Soltanovitch

Dize-me com quem andas que te direi com quem serás preso

Apresentação

Renato era um estudante acima da média, para não dizer “CDF” ou “nerd”, como preferem alguns. Porém, só deixou de seguir um princípio básico: “Maldito o homem que confia no homem e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!¹”

Esclarecimento ao leitor

Passei a infância inteira ouvindo minha mãe repetir que eu deveria tomar cuidado com as más companhias. Um conselho que, à primeira vista, parecia aborrecido, mas que eu seguia fielmente. Na faculdade, durante as aulas de Direito Penal, muitas histórias me remetiam às advertências maternas. Eu as compartilhava com meu irmão, tentando transmitir o que havia aprendido. É provável que ele também me achasse uma chata.

Este conto é fruto da minha imaginação e, felizmente, não aconteceu com ninguém ao meu redor. Mas não é preciso sofrer na própria pele para carregar na alma as lições que ouvimos.

O texto foi originalmente publicado em 2012 e decidi republicá-lo em meu site como forma de entretenimento, acreditando que a escrita pode também apoiar instituições que realizam trabalhos relevantes.

Com esse intuito, ofereço os direitos autorais desta obra à Casa da Mulher Paulista, que desenvolve diversos projetos, conforme se pode ver em seu site: www.casadamulherpaulistana.org.br

Assim, se após a leitura este conto lhe tocar de alguma forma, visite o site da Casa da Mulher Paulista e descubra como contribuir.

Boa leitura!

Dize-me com quem andas que te direi com quem serás preso

Foi o que aconteceu com Renato, quintanista da faculdade de Medicina, com uma enorme vontade de seguir a psiquiatria forense.

Extremamente dedicado aos estudos, seu maior problema era gostar muito de “fumar” o que não devia. Embora fosse apenas usuário eventual, certo dia, acabou sendo preso com um grande amigo que era traficante.

Renato era tão fixado nos estudos que nem se deu conta que Edu, seu amigo, ostentava muita riqueza sem trabalhar. Não atentou para o fato de que o rapaz faltava frequentemente às aulas na faculdade e que seus pais eram simples trabalhadores, sem muitas posses. Este é o problema da distração.

Agora, lá estava Renato preso, algemado em frente ao Delegado, que lavrava o flagrante. Sua família, embora avisada, nada pôde fazer por ele, além de contratar um bom advogado para acompanhar o processo judicial e providenciar o necessário para sua soltura.

¹ Jeremias 17.5.

A quantidade de drogas que estava com Edu era imensa, e o delegado não quis considerar o fato de ele ser apenas uma má companhia que complicara a vida de Renato.

Ambos foram encarcerados, mas antes levados ao IML para exame de corpo de delito, e conduzidos ao presídio. Enquanto Edu se mantinha calmo, pois sabia que um dia “a casa iria cair”, Renato entrou em desespero. Seu sonho de se tornar médico acabara de escoar pelo ralo.

Renato teve uma crise de choro e foi parar na enfermaria do presídio, antes mesmo de conhecer sua cela.

No dia seguinte, ao acordar e constatar que tudo ali não era sonho, caiu no choro novamente. E assim passaram-se os dias, Renato trancafiado em sua cela, chorando horas a fio. Nem o tradicional banho de sol ele tomava.

Durante as madrugadas, naquelas celas frias, úmidas e com cheiro de mofo, onde se ouvia o barulho de morcegos e ratos, goteiras e correntes se arrastando, o choro de Renato ainda ecoava.

Em um daqueles trintas dias, ele conheceu a dupla César e Paulo, irmãos somente por parte de pai. Um era a versão do mal e o outro um tonto que, por causa da péssima companhia, acabara preso por pilotar o veículo do irmão, que era roubado, diga-se de passagem.

Foi também apresentado a João e David, repentistas vindos do norte, tocadores de violão, imbuídos de muita criatividade. Estes foram presos por estarem em local e hora errados.

Renato não entendeu bem a história da prisão daquela dupla. Um pouco confusa, a cachaça parecia haver confundido seus miolos. Exceto quando cantavam, as demais frases pronunciadas eram impossíveis de ser traduzidas.

Ali Renato também conheceu o Caboclo – homem de grandes histórias; o Baiano – jogador de capoeira; Jonas – o pastor; José – o contador do tráfico; Roberto – o explorador de homens, e outros inúmeros presos, alguns tão inteligentes que era incompreensível para Renato o fato de estarem ali encarcerados, vivendo naquela condição sub-humana. Um desperdício de talentos.

Na qualidade de quintanista da faculdade de Medicina, com o objetivo de ser psiquiatra, passava os dias analisando a psicose de cada um de seus companheiros de cela. Anotava tudo em um caderninho oferecido por José, o contador do tráfico que, embora preso, conservava inúmeros cadernos em branco para fazer contas. Até grão de feijão que vinha pelo “bonde” ele contava, anotava e vendia para os companheiros de outras celas, em troca de qualquer coisa que ele pudesse “contabilizar” e negociar também. Eram anotações sem fim e sem qualquer utilidade.

Renato foi convocado para trabalhar na enfermaria do presídio, dado o seu vasto conhecimento de medicina. E lembre-se, caro leitor, que, em lugar onde poucos conhecem determinado assunto, o ditado popular impera: “Em terra de cegos, quem tem um olho enxerga”.

Assim, lá estava Renato, encarcerado, fazendo sua “residência” na enfermaria do presídio, já que “de louco todo mundo tem

um pouco”. E aparecia cada um, com cada mania ou transtorno mental tão estranho, que poucos livros de medicina mencionavam.

Certo dia, apareceu Mário, um juiz aposentado. Homem de postura e com uma espiritualidade ímpar. Ninguém sabia ao certo o que estava fazendo ali. Notava-se que era jovem demais para ser aposentado e sábio demais para estar naquele lugar. Sua presença ali era um grande mistério. Trazia no rosto e no corpo marcas de um grave acidente de moto: queimaduras profundas e alguns dedos amputados em uma das mãos. Realmente, este fato até poderia justificar sua aposentadoria precoce, mas não sua prisão, a menos que tivesse sido culpado pelo acidente, gerando algumas mortes de trânsito.

E lá estava Mário, o juiz, pronto para catalogar os presos que apareciam na enfermagem, anotando tudo o que Renato pedia. Iniciaram assim uma grande amizade, mas não grande o suficiente para fazer com que Mário lhe confidenciasse o motivo pelo qual fora preso².

As visitas dos presos que Renato inicialmente conheceu eram frequentes na enfermagem, e justificadas pelo alto grau de ansiedade e crises de labirintite, acompanhadas de ânsias de vômito, devido às condições locais.

Para Renato, era melhor estar preso naquela situação do que ficar confinado em uma cela. Trabalhando na enfermagem, podia ao menos sentir o frescor da manhã e desfrutar da luminosidade dos raios de sol.

² Segundo Aristóteles, “O sábio nunca diz tudo o que pensa, mas pensa sempre tudo o que diz”. Frase extraída do site pensador.uol.com.br.

Com receio de sair daquele “paraíso” e voltar para o “inferno”, ele tratava com muita cordialidade, respeito e dedicação cada um dos presidiários que lá chegava, se queixando de qualquer tipo de dor, doença ou mal-estar.

No atendimento a um desses presos, estabeleceu-se uma grande e profunda conversa. Começaram a falar sobre a prisão do próprio homem em si mesmo, da solidão e do deserto interno que acometiam o ser humano.

Refletiam sobre o aprisionamento do homem às suas raízes culturais, à mídia, à rotina, ao dinheiro. Um empregado de si mesmo e de uma sociedade sem ética de sobrevivência, sem solidariedade e sem humanização. Escravo das aparências, ainda que de forma íntima, todo indivíduo ambiciona “um lugar ao sol”. Alguns pelo reconhecimento, outros pelo poder ou pela fortuna, ou mesmo por meio de todas essas alternativas.

A mulher quer seu reconhecimento como mãe, esposa, ou como profissional. Ou torna-se escrava da beleza, do corpo perfeito, das roupas elegantes.

O homem, por sua vez, torna-se escravo do seu carro do ano, do terno bem cortado, do sapato engraxado, do dinheiro na conta bancária.

“Não devemos generalizar, mas todo ser humano, qualquer que seja a sua categoria, por qualquer motivo na vida, passou por esta experiência ou por esta tentação”, dizia Renato ao juiz Mário, o paciente em questão.

Foi neste instante que a dupla César e Paulo apareceu. E aquele que era a versão do mal não só ratificou as ideias de Renato, como acrescentou que o ser humano está podre por dentro, corrompido pela filosofia do mal e pela ganância de poder.

José, o contador do tráfico, que por ali passava, também ouviu a conversa e se juntou ao grupo. Concordou plenamente com o que diziam, exaltando a podridão da humanidade, a ausência de amor puro e sincero pelo próximo.

Os repentistas, que gostavam de visitar Renato na enfermaria, por entenderem que a música lhe fazia bem à alma, também adentraram o recinto e a conversa, dizendo: “A alegria é um presépio, a tristeza é tentação³”. E que vivemos todos amargurados, que o amor é solitário.

Era um verdadeiro debate sobre o amor, a vida, a dor, as escolhas, a falta delas, o livre-arbítrio e a morte.

José continuou, observando que “a única certeza na vida é que pagamos impostos e iremos morrer”. Os repentistas emendaram: “Tenha certeza de uma coisa, meu senhor, seu corpo ainda irá parar em um caixão, e ainda assim sofrerá tributação”.

Todos riram, apesar do realismo da informação. Foi então que Baiano, que também já estava na conversa, explicou sobre a necessidade de se conciliar a harmonia do corpo – lembremo-nos aqui que Baiano era jogador de capoeira – com os anseios da alma.

³ Música de Nando Reis: *Sou Dela*.

E começou a falar sobre o motivo de sua prisão. Disse que sempre cultivara exclusivamente o corpo, por conta do jogo de capoeira, sem querer aprender sobre as necessidades da alma (o que acabou buscando com a leitura de livros na prisão), e que, em uma daquelas lutas com facão, acabou matando um.

Jonas, o pastor, aplaudiu a iniciativa de Baiano pela leitura e contou que estava ali detido por ser sido traficante, e que a prisão foi sua escola. Nela conheceu a Bíblia, se doutrinou e se reconheceu como líder religioso. Sem fanatismo. Mas defende a fé, a oração para um Deus interior, encorajando o agradecimento ao universo e a meditação como forma de cultivar o corpo, a mente e a alma, em sintonia única.

Chegou então a vez de Caboclo, o contador de histórias, falar. Explicou que foi preso como estelionatário, mas, com uma convicção ímpar, insistia em dizer-se inocente.

Faltava a história de Roberto, o explorador de homens, e de Mário, o juiz aposentado. Do grupo, eram os que mais reconheciam a necessidade de trabalhar no presídio em prol da humanização local.

Mário fez um comentário surpreendente a respeito de Roberto. Observou que, justamente por ser um travesti – e consequentemente visto como explorador de homens –, ele era o único que reconhecia seu corpo e tinha coragem de revelar o que era, compreendendo, assim, a própria alma.

Roberto havia sido preso por documentos falsificados. Seu único objetivo era juntar dinheiro, ir para um país distante, fazer uma

cirurgia de mudança de sexo e viver uma vida digna. Sua prisão foi um grande equívoco, defendia, posto que, acreditando ser mulher, não eram os documentos que se faziam falsos, e sim seu prenome e a indicação de seu sexo. Tudo o que fizera foi apenas tirar novos documentos, acreditando que estes espelhavam melhor sua verdade.

Neste momento, reiniciou-se o debate sobre a dignidade do ser humano, a prostituição da alma, o conflito e a rivalidade interna.

“Na verdade, nascemos e morremos sós” - afirmou Caboclo. “Somos seres únicos e solitários em uma terra, onde nada é para sempre e nem tudo é do jeito que gostaríamos. Há sempre algo para mudar, para temer, para desconfiar.”

“Da vida, temos apenas a certeza da morte” - cantarolaram os repentistas, acrescentando em seguida: “Mas não se descobriu ainda o que é viver. Poucos são aqueles que conhecem o verdadeiro amor.”

“Para sobreviver, o homem precisa trabalhar. Para se destacar no trabalho, é preciso executá-lo mais e melhor que os outros; entrar cedo e sair tarde, se aperfeiçoar, cumprir metas, fazer seu network perfeito. E, assim, só é possível viver nos finais de semana, quando a pessoa realmente consegue se desligar do trabalho e pode se permitir algum lazer” - comentou Roberto.

Jonas, o pastor, explicou a importância da meditação e da paz de espírito, verdadeiro encontro com o seu “descanso” interior. Salientou que devemos aprender a equilibrar os momentos e a “esvaziar” a mente para encontrar a paz e a tranquilidade. Que o trabalho é árduo é bíblico, e que não há qualquer problema quanto a isto, já que o trabalho

glorifica o homem. “O importante” - dizia ele – “é realmente dedicar-se de corpo e alma ao trabalho, e não só em benefício do bolso.”

Baiano, o capoeirista, contou que muito aprendera, após sua prisão. Explicou que passou a se dedicar à leitura, hábito que abriu sua mente. E que agora sabe que amar não significa querer ter a pessoa amada a todo custo, nem, muito menos, uma questão de sexo. “Hoje me sinto um capoeirista verdadeiro, que respeita o próximo”, bradou.

Os repentistas parafrazearam uma canção de Luíza Possi⁴: “Para falar, eu canto, quero que saiba o quanto me faz bem”. E emendaram um trecho da música *Amor e Sexo*, de Rita Lee⁵, que afirmava: “Amor é um, sexo é dois...”

Roberto, o travesti, gostando do tom da conversa, logo enfatizou a existência de um amor platônico, único e sem posse.

Por sua vez, José, o contador, achou graça desta “ausência de posse” e, brincando, afirmou que o amor era um exercício diário de convivência, onde se devia evitar qualquer espécie de domínio.

O único ali que só ouvira era Mário, o juiz aposentado. Mário, apesar das marcas de queimadura no rosto e no corpo, era um homem belo e sereno, que transmitia uma incrível sensação de paz e harmonia.

Introduzindo-se, enfim, na conversa, o juiz revelou sua felicidade por estarem todos ali participando daquele debate diário sobre o

⁴ Música: “Me faz bem”. Composição: Jorge Drexler - Versão: Moska. Informação *extraída* do site <http://www.vagalume.com.br/luiza-poss/me-faz-bem-me-haces-bien>.

⁵ Composição de Rita Lee.

amor e o comportamento humano. Observou o quanto haviam crescido espiritualmente, e que agora sua missão estava cumprida. Era hora de resgatar todos, esquecendo seus corpos, mortos na terra, e salvando suas almas bem vivas!

Havia um lugar melhor esperando por eles!

FIM